

**Universidade:
presente!**

PROGRAD
PROPQ
SEAD

RELINTER
CAF
SAI

XV Salão de
ENSINO

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Salão UFRGS 2019

Evento	Salão UFRGS 2019: XV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Ensinando história com objetos: uma experiência na sala indígena do Museu Julio de Castilhos
Autores	GABRIELA ANIBALE AUSANI BRUNA DA ROSA MATTOS
Orientador	CARMEM ZELI DE VARGAS GIL

RESUMO: O presente trabalho é resultado da nossa experiência na disciplina de Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que consiste em uma ação educativa a ser planejada e executada em instituições de memória, destinadas a alunos de ensino fundamental e médio. A proposta foi realizada no Museu Julio de Castilhos, na cidade de Porto Alegre (RS). Tradicionalmente se pensava o museu como um espaço de observação e contemplação, em que não há interação dos sujeitos com os objetos expostos. O visitante é um sujeito passivo, que se limita a observar. No entanto, através da perspectiva do “museu participativo” (SIMON, 2010) a mediação baseia-se no diálogo, buscando a participação ativa, dinâmica, intuitiva e interativa dos sujeitos. A principal questão sobre a qual pensamos com relação à educação patrimonial para desenvolver a atividade foi a relação dos estudantes com os objetos. O Museu Julio de Castilhos foi criado essencialmente com a intenção de preservar a memória dos “grandes homens” no Estado do Rio Grande do Sul, sendo a sua principal atração a Sala Júlio de Castilhos que conta com objetos pessoais e mobiliário que pertenceram a este personagem da política do Estado. Todavia, a instituição conta com coleções que rememoram a história de povos indígenas e afrodescendentes no Estado. Os objetos relativos aos povos indígenas estão expostos permanentemente em duas salas da instituição, a Sala Indígena, com objetos que datam de mais de 3.000 anos, e a Sala Missioneira, com esculturas produzidas pelos Guarani missioneiros. Estas salas oportunizam desconstruir a imagem dos povos originários como sujeitos sem história e identificar a diversidade étnica no território do Rio Grande do Sul. Assim, elegemos a Sala Indígena como local para executar a ação educativa. Com a intenção de evitar uma mediação tradicional, unilateral, e que desconsidera as experiências dos estudantes que visitam o museu, priorizamos a relação entre os estudantes e os objetos expostos na Sala Indígena e a própria discussão entre eles para chegarem a uma conclusão sobre a cultura material ali exposta. Essa dupla interação, que prevê uma mediação que permite aos estudantes atribuírem significados aos objetos e se verem como mediadores na construção do conhecimento histórico (SIMAN, 2003, p. 200), é possível a partir do que Lana Siman (2003) chama de momento de silêncio “(...) que sujeito e objeto iniciam a sua interação: objetos se revelam aos seus observadores e observadores expressam seu desejo pela sua revelação” (p.188). A partir dessa perspectiva, o objetivo da ação foi explorar a variedade de significados que os objetos têm e também a variedade de interpretações que os estudantes podem fazer a partir deles. Para o desenvolvimento da atividade nos apropriamos da cultura material exposta nas vitrines do museu a fim de desconstruir a imagem do indígena estabelecida pelo senso comum, para demonstrar a diversidade étnica, cultural e religiosa, e demonstrar que os povos originários são detentores de história constituída há milhares de anos e que é muito anterior à chegada e aos registros feitos pelo homem branco. A ação educativa desenvolvida no MJC inicialmente foi pensada para alunos de 6º ano do ensino fundamental a 1º ano do ensino médio, embora tenha sido adaptada e aplicada também para alunos do 1º ano do ensino fundamental e para turmas de ensino profissionalizante. De modo geral, a oficina possuía como base o seguinte planejamento e foi dividida em três momentos: 1. Sensibilização do aluno quanto ao conteúdo a ser trabalhado por meio do diálogo e de ilustrações; 2. Classificação dos objetos do acervo por parte dos alunos através de pequenos grupos; 3. Discussão no grande grupo acerca da questão “O que é ser indígena hoje?” assim como das faces material e imaterial do patrimônio histórico. Em vista disso, como nos atenta Carina Costa (2017), partir da problematização do mundo dos objetos invoca a possibilidade de compreender como eles nos fazem e nos representam, construindo subjetividades; como mediam relações geracionais, temporais e afetivas, demarcando ou aproximando os processos identitários (p.98). Ademais, a exploração dos objetos da cultura material e simbólica favorece o desenvolvimento de habilidades tais como a observação, percepção, relacionamento de informações, questionamentos e estabelecimento de relações de ordem temporal e espacial, promovendo uma ressignificação dos conhecimentos prévios dos estudantes. A contribuição do presente trabalho é, portanto, refletir sobre as possibilidades apresentadas pela expografia dos Museus de História com ações educativas que sensibilizem os alunos, promovam o diálogo, os instiguem e suscitem perguntas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Patrimonial; Museu Participativo; Objetos.